

O CARNAVAL DAS TURMAS DE FANTASIA: O PAPEL DA FESTA NA CONSTRUÇÃO DE ESPACIALIDADES URBANAS FLUMINENSES

Monique Bezerra da Silva¹

Resumo: As festas são um fenômeno que influenciam fortemente o espaço geográfico. Ocorrem em todo mundo e em todas as sociedades, sendo populares já na Antiguidade. O presente texto faz uma reflexão do papel das festas na construção de espacialidades urbanas em territórios populares fluminenses a partir da análise do carnaval das turmas de fantasia, isto é, foliões brincantes conhecidos como bate-bolas e originalidades. A análise aqui proposta busca explicitar as dinâmicas que envolvem os modos de produção desta festa e a sua importância no advento de novas centralidades urbanas no que tange ao carnaval mundialmente famoso do Rio de Janeiro. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o conceito de festa e espacialidades urbanas dentro da literatura geográfica. Pesquisas em fontes documentais e entrevistas com os sujeitos que participam da festa também são a base desta proposta.

Palavras-chave: geografia das festas, carnaval, turmas de fantasia, bate-bola.

Introdução

O presente texto é substrato da pesquisa doutoral em andamento que desvela o universo da festa das turmas de fantasia no carnaval da metrópole fluminense. Essas turmas são compostas por brincantes mascarados com fantasias excêntricas, conhecidos popularmente como Clóvis ou Bate-bola e as turmas de Originalidades, com suas tipologias. Esses sujeitos protagonizam o carnaval em territórios populares, na contramão dos suntuosos desfiles das escolas de samba na Avenida Marquês de Sapucaí e dos blocos de rua no eixo Centro x Zona Sul da capital carioca. Trata-se, portanto, de um “outro carnaval”: não midiático e desvalorizado para o consumo de bens simbólicos, mas que também mobiliza centenas de pessoas a cada ano.

As festas são um fenômeno que influenciam fortemente o espaço geográfico. Ocorrem em todo mundo e em todas as sociedades, sendo populares já na Antiguidade. O intuito aqui é refletir sobre o papel das festas na construção de espacialidades urbanas em territórios populares fluminenses a partir da análise do carnaval das turmas de fantasia, desvelando as dinâmicas pulsantes do modo de vida dos sujeitos envolvidos com a festa. Porém, antes de tudo, é preciso contextualizar as possíveis versões que

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Professora substituta no Bacharelado em Produção Cultural no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. E-mail: moniquebezerradasilva@gmail.com

envolvem o surgimento desses brincantes e suas práticas estéticas, econômicas e sociais configuradas em espacialidades periféricas da cidade.

Festividades, carnaval e a origem dos mascarados

Tendo como referência a Dissertação de Mestrado² de Luís Felipe Rodrigues da Costa (2015) onde há um percurso de rituais/manifestações de brincantes mascarados desde o período Neolítico, esta seção apresenta um breve olhar processual³ sobre expressões significativas de brincantes mascarados, seus rituais e festividades.

Tudo começou no Período da Antiguidade, no Hemisfério Norte, sobretudo no continente europeu e no continente asiático, com os festejos de solstício de inverno. Havia o clamor pela fertilidade da terra através de rituais. Foi na Era Neolítica que o ser humano deixou de ser nômade, entendendo que seu sustento vinha da terra. Iniciou-se, então, as sociedades rurais. As Festas de Inverno eram marcadas por rituais mascarados para celebrar mais um período anual, além de sobreviver ao inverno e esconder a identidade dos brincantes. A origem do Carnaval surge com as Festas Dionisíacas, com o politeísmo, na Grécia Antiga, onde haviam celebrações de caráter cívico-religioso para festejar a fertilidade, no período dos meses de janeiro e fevereiro. Novas datas de festejos surgiram no mundo romano com as grandes festas do inverno, as Festas Saturnais, entre 17 e 23 de dezembro.

Na Era Medieval, o calendário sofreu uma grande pulverização. A Igreja dividiu as festas pagãs com espaçamentos periódicos durante o ano. Com o estabelecimento do Cristianismo como religião oficial do Império Romano, por volta de 380 d.C, os rituais inverniais são dessacralizados e tornam-se pagãos. Duas décadas depois, padres e bispos denunciavam os festejos mascarados em seus sermões, perseguindo pagãos e seus comportamentos típicos de rituais neolíticos. Em 500 d.C, surge o combate às festas com o aumento de normas morais e proibição de comportamentos típicos das festas dionisíacas. Porém, em 700 d.C os festejos tornam-se

2 COSTA, Luís Felipe Rodrigues. Caretos de Podence: História, Patrimônio e Turismo. Dissertação de Mestrado em Arte e Patrimônio. Universidade de Coimbra. Portugal, 2015.

3 Essa sistematização teve como referência o almanaque “Tudo igual, mas diferente”, realizado pelo Laboratório de Design de Histórias - DHIS/PUC-Rio.

cristãos com a mudança das festas católicas para as mesmas datas dos festejos mascarados. Daí surgem o Natal, o Entrudo, o Ano Novo, o Dia de Reis, o Carnaval e a Quaresma.

Com a visão etnocêntrica do homem urbano, ocorre uma migração às cidades. Da baixa Idade Média ao Renascimento surge um personagem caricaturado de homem selvagem, avesso ao homem medieval, com características semelhantes às fantasias dos mascarados neolíticos. Com o espetáculo rústico nas cortes e a presença do personagem homem selvagem, há um aumento da tensão entre Carnaval e Quaresma. Dessa forma, os mascarados eram como uma “válvula de escape” para o embate sagrado x profano.

No mundo contemporâneo há interferências culturais. Com as Grandes Navegações e o início do período colonial nas Américas e na África as fantasias de mascarados são mescladas entre si. Os festejos chegam às Américas através de imigrantes europeus e ganham uma nova roupagem a partir de manifestações típicas locais, com influências indígenas e africanas. Com o fim do período colonial e a mistura entre as nações independentes nas Américas, há modificações nas fantasias dos mascarados. A partir de 1.900 d. C surgem as manifestações de mascarados individualizados, tais como os Caretos de Podence, em Portugal e os Caretos do Recôncavo Baiano, no Brasil. Além disso, há também os palhaços da Folia de Reis, os Bate-bolas no carnaval carioca e os Krampus de Natal, no sul do país.

Após esse breve percurso contextualizando o surgimento de manifestações e rituais festivos mascarados, se faz necessário entender como se deu o surgimento do carnaval em terras brasileiras, conforme será visto a seguir.

Carnaval como mito fundador da sociedade brasileira

Em suas origens, o carnaval chegou ao Brasil a partir dos portugueses, no século XVI, através do entrudo e era uma festa que fazia parte do calendário cristão desde a época da colonização. Em sua etimologia, a palavra entrudo deriva da palavra *intróito*, ou seja, uma introdução à Quaresma, onde era realizada uma grande festa na terça-feira que antecede à quarta-feira de cinzas, com danças, banquetes e brincadeiras

burlescas, já que durante o período da Quaresma, na Idade Média, “guardava-se religiosamente os dias de jejum e abstinência”. (FLORES, 1999, p. 149)

É possível perceber uma relação entre o entrudo brasileiro e as Festas Saturnais. Conforme mencionado na seção anterior, as Saturnais ou Saturnália tratava-se de um festival popular romano em adoração à Saturno - deus romano da fertilidade, da sementeira e da fartura, marcando o início do solstício de inverno. Percebe-se que o predomínio da fartura, da comida e do sexo eram pontos em comum entre as duas festividades.

O entrudo chegou ao país como uma série de brincadeiras populares, onde as pessoas atiravam água, polvilho, farinha, limões de cera com líquidos perfumados. Era uma brincadeira que se iniciou exclusivamente com as famílias patriarcais brancas, entre o período da colonização até o século XVIII. Os negros participavam auxiliando na limpeza, na produção de limões de cera e, sobretudo, sendo alvo das brincadeiras dos brancos. Só podiam brincar o entrudo entre si e distante de seus senhores. (GERMANO, 1999)

O entrudo passou a se popularizar a partir do século XIX, com o desenvolvimento das cidades, ocupando as ruas. A popularização desse festejo causou apreensão ao poder público pela possibilidade de perda de controle sobre os segmentos populares. Em função disso, a elite foi se paulatinamente afastando das ruas, “na qual via muita mistura de corpos e de raças, uma festa decadente, *selvagem, atrasada*, associada ao grotesco, à barbárie e ao *popular*.” (GERMANO, 1999, p. 132)

Após a década de 1840 a mídia e a elite intelectual se mostraram contra o entrudo. Inclusive, o dramaturgo Martins Pena, criador da comédia nacional, sugeriu a substituição do popular entrudo por bailes de máscaras no formato europeu. Na época o projeto foi bastante criticado e a ideia não foi adiante. Posteriormente sugeriu a organização de danças com máscaras e correrias burlescas pelas ruas ao invés de bailes de máscaras realizados em teatros. Esses, por sua vez, eram caros e não era acessíveis ao povo (FLORES, 1999).

Portanto, Germano (1999) salienta que o entrudo passa a ser visto como uma festa do povo, estabelecendo então o primeiro processo de ressignificação do carnaval no país. Isso se tornou mais evidente e significativo após a Abolição da escravatura e proclamação da República. Somado a isso, no final do século XIX, grupos de mascarados e foliões passaram a desfilar nas ruas, o que ficou conhecido como o desfile do Zé Pereira, causando um tremendo desconforto para os setores mais conservadores da época, pois consideravam esses festejos populares barulhentos e desordenados.

Ainda no final do século XIX, com a transição para uma política liberal e uma economia capitalista, a elite mirava o carnaval de máscaras e de salão europeu, a fim de se diferenciar dos festejos selvagens do povo. Germano (1999) classifica como sendo esse o segundo momento de ressignificação do carnaval no Brasil, associando-o novamente à elite. Paralelo a isso, na virada do século, o povo continuava a brincar o entrudo em becos e ruas escuras.

Nestes territórios escusos da cidade, uma outra forma de fazer o carnaval passou a se constituir, fundindo tradições e costumes de etnias variadas, entre elas, europeias e africanas. Outras formas de festejar e de se divertir, somaram-se à festa carnavalesca, mesclando em seu interior estas tradições europeias, como o próprio carnaval e a forma de desfile nas ruas, e os ritmos de percussão e gingados sensuais, característicos dos descendentes de africanos. (GERMANO, 1999, p. 133)

Após inúmeras perseguições policiais ao entrudo, o povo adotou uma nova forma de brincar, considerada civilizada e aceita pela imprensa e poder público. Foi a partir de então que houve a proliferação de inúmeros blocos e cordões desfilando pelas ruas nos dias de carnaval, com danças e ritmos de origens africanas. Com isso, a elite passa a migrar para os bailes de salões ou então, quando optavam por desfilar junto ao povo, saíam em destaque.

Germano (1999) entende que esse seria o terceiro momento de ressignificação do carnaval no país, pois seria uma retomada dos segmentos populares na apropriação do carnaval produzido pelas elites. A partir de então, para o autor, seria a primeira vez no processo histórico brasileiro que o carnaval visto como festa popular passa a representar a identidade nacional brasileira.

Portanto, o carnaval seria o mito fundador da sociedade brasileira, tendo a diversidade ao unir o povo, a elite, os brancos, negros e índios. Após essa breve contextualização, veremos adiante sobre as fábulas de origem das turmas de fantasia no carnaval fluminense.

Fábulas de origem: turmas de fantasia e sua tipologia de estilos

Turma de fantasia é, no enredo da presente pesquisa, uma designação sumária que engloba grupos de foliões oriundos dos popularmente conhecidos como Clóvis ou Bate-bola. Outros segmentos de fantasias e mascarados também se enquadram, como as turmas femininas, as Bate-boletes e os brincantes conhecidos como Originalidades: o Pierrô, o Morcego, a Velha, a Bruxa, o Palhaço, o Macaco, o Gorila, o Espantalho, o Linguarudo, o Carrasco, o Pai João, o Sujo, entre outros. Contudo, seus trajes podem ser identificados por elementos constitutivos peculiares, tais como, a máscara, o casaco, o macacão, o bolero e outros acessórios que revelam uma cultura híbrida de pertencimentos, a partir desses aparatos estéticos expresso em signos, imagens e gestualidades a conferir identidade.

Em relação às fábulas de origem, é possível dizer que há controvérsias em relação ao possível surgimento desses brincantes. Uma versão popularmente conhecida relata que a tradição despontou a partir da apropriação por parte de grupos populares do carnaval promovido pela burguesia carioca, uma espécie de redesenho do carnaval europeu que tinha como inspiração os bailes de máscaras e uso de roupas de palhaços (*clowns*) com o intuito de “afrancesar” a festa.

Outra versão bem conhecida é datada por volta de 1930 e teria relação com os alemães que construíram o Hangar do Zeppelin, localizado no bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste carioca. Os alemães usavam roupas de palhaços e máscaras com cabelos de algodão e tela de arame. Daí surgiu o nome “Clóvis”, derivado da palavra *clown* - como os ingleses e alemães intitulavam as fantasias.

A fantasia acabou se difundindo e influenciando os festejos locais dos bairros da zona oeste e zona norte. É importante ressaltar a importância do Matadouro de Santa Cruz nesse cenário, como fornecedor das bolas usadas como adereço dos brincantes. Naquela época, eram usadas bexigas de boi, secas ao sol e enebadas. Com o

encerramento das atividades do Matadouro, as bolas de plástico passaram a compor a fantasia (BARBOSA; SILVA, 2020).

Outro fato importante a ser destacado é que há registros sobre os Clóvis em ilustrações, crônicas e canções desde a década de 1920, assim como outros foliões mascarados e fantasiados. Ou seja, a construção do Hangar do Zeppelin se deu em 1934. Logo, é possível dizer que a influência do carnaval português pode ser um possível viés para datarmos o surgimento desse festejo (BARBOSA; SILVA, 2020).

Por volta de 1723 o carnaval português alcança suas colônias, inclusive o Brasil. A característica principal da festa de além-mar era a presença de mascarados. Esses, por sua vez, se aproveitavam do anonimato momentâneo para zombar dos transeuntes. Dessa forma, nota-se uma correspondência em relação à gestualidade e performance dos brincantes aqui estudados. Há, portanto, um outro cenário em relação à origem e herança apropriada. Além disso, é possível destacar outras narrativas em relação a escravos libertos e alforriados, perseguidos pela polícia, que se fantasiavam para brincar livremente o carnaval e fazer do ato de bater as bolas ao chão como um protesto contra a opressão nas ruas da cidade.

Sob outra perspectiva, temos o pierrot (ou pierrô – personagem da *Commedia dell'Arte*), que sofreu adaptações locais e é conhecido pelo povo como “perrô”. De acordo com o responsável da página (na rede social Facebook) *Memórias dos Pierrôs*⁴, a tradição deriva dos Antigos Carnavais, da época dos Corsos⁵, tendo então uma grande influência francesa. De maneira oposta aos bate-bolas, os Pierrôs nunca usaram bola, seu adereço marcante sempre foi a sombrinha. Assim como os bate-bolas, “perrôs” também possuem diversos estilos⁶, dependendo da região em que atuam.

Figuras 1 e 2: Turmas de Fantasia em São Gonçalo: Rodado de Lã e Perrô de Quadro

4 Entrevista concedida em Junho de 2020 no âmbito da pesquisa doutoral em andamento.

5 Corso carnavalesco era um tipo de agremiação que promovia desfiles utilizando carros luxuosos abertos e ornamentados, com brincantes fantasiados que jogavam confetes, serpentinas e esguichos de lança-perfume nos ocupantes dos outros carros.

6 Dependendo da localidade, os bate-bolas possuem diversos estilos: pirulito, rodado e saia, bujão, capa. Já em relação aos perrôs, temos: perrô de quadro, rodado de lã, perro rodado e perro carnavalizado.



Fonte: Acervo – Memória dos Pierrôs

As turmas de fantasia apresentam formas singulares em relação a organização, que se assemelha a *famílias de pertencimento*. As turmas possuem um líder, intitulado de “cabeça da turma”, que possui como função principal escolher a temática para os enredos, gerenciar o processo de confecção das fantasias e adereços, organizar os eventos (geralmente mensais) que envolve a contribuição financeira de cada componente, além da produção da festa como um todo.

Outro ponto que merece destaque é o caráter intergeracional da festa. Os brincantes geralmente herdam a tradição de avós, pais ou tios. Atualmente é possível observar um maior envolvimento familiar, incluindo mulheres e crianças.

Conforme Andrade, Formiga e Gamba Junior (2019), os brincantes começaram a se organizar enquanto turmas a partir da década de 1980, sendo predominante a presença adulta masculina. Segundo os autores, os altos preços das fantasias tornavam a brincadeira menos acessível e, conseqüentemente, acabava limitando a inserção de jovens e crianças. É importante destacar que, por se tratar de territórios populares, com população de baixo poder aquisitivo, geralmente o chefe de família era o único a participar da festa, sem poder custear a participação de outros integrantes da família. Fora isso, muitos homens não permitiam a participação de mulheres e crianças por conta dos casos de violência que sempre ocorriam oriundos das rivalidades entre as turmas.

É possível dizer o advento das novas tecnologias de informação e comunicação promoveu a aproximação dos brincantes. Dessa forma, o convívio entre as turmas se

tornou mais acessível, além de potencializar a interação entre eles. É possível frisar, também, que a popularidade do festejo pode ter contribuído para a diminuição de episódios de violência entre as turmas. Consequentemente, acredita-se que por conta disso se deu a participação da presença feminina e infanto-juvenil, mesmo que em menores quantidades.

Figura 3 e 4. Turma Bem Feito (Campo Grande) e Turma Bolodoido (Deodoro)



Fonte: Laboratório de Design de Histórias – PUC-Rio.

Após apresentar os sujeitos de nossa investigação – as turmas de fantasia e uma breve síntese sobre suas fábulas de origem e tipologias de estilos, se faz necessário compreender como se dá os modos de produção da festa e suas estratégias socioespaciais.

A festa das turmas de fantasia e desvelamento de suas táticas socioespaciais

A principal festa das turmas de fantasia é conhecida popularmente como *saída* das turmas. Brincantes mascarados se dedicam durante ao longo do ano na produção do festejo para um breve desfile em ruas ou praças da periferia urbana da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A *saída* é como um ritual dotado de forte impacto performativo estético. Seu início se dá com um show pirotécnico, ao som de um hino personalizado, geralmente com funk, axé ou marchinhas carnavalescas. Em geral, ocorre no sábado ou no domingo de carnaval. Quintais, quadras, garagens ou clubes abrigam os bastidores de onde saltam os brincantes em meio a uma aglomeração de moradores, que aguardam ansiosos para ver as fantasias produzidas em máximo sigilo. As fantasias exalam fragrâncias que

mobilizam o olfato dos espectadores presentes. A visão e a audição são provocadas pelas gestualidades, pelo bailar e pelas cores estonteantes das fantasias e adereços. Durante toda a performance da exibição há uma mobilização dos sentidos corpóreos que impacta diretamente os presentes num brincar alegre e eufórico, compondo a cena estética nos espaços públicos, fazendo da rua um *lugar de acontecimentos e ritualísticas de celebrações estéticas*.

O ritual de celebração na jornada da produção da festa incorpora lugares mais recônditos ao grupo (montagem, guarda e vestimenta da fantasia) aos de exibição para os espectadores. É importante destacar que a surpresa é um componente elementar para *saída*, sendo então o evento disparador da festa pública (BARBOSA; SILVA, 2020).

Figura 5. Guarda e montagem reservada das fantasias em uma quadra na Zona Oeste



Fonte: Foto Bira Carvalho.

No entanto, o modo de preparo da festa abarca um circuito territorial de práticas de trabalho onde são produzidas as fantasias e adereços, como galpões, oficinas ou casas, que são chamados de “barracões das turmas”; de táticas de mobilização e arrecadação de recursos para o fomento da festa, espaços para sociabilidade entre os componentes, como clubes, quadras ou campos de futebol; de práticas de demarcação simbólica do território, como muros pintados com emblemas da turma; o local propriamente dito de montagem, vestimenta e saída; até chegar ao *lugar de*

acontecimentos da festa carnavalesca mais abrangente da cultura popular em sua dimensão corpórea-territorial (BARBOSA; SILVA, 2020).

Figura 6: Marcações territoriais simbólicas das turmas (Queimados, RJ)



Fonte: Página da Planeta Bate-bola | Facebook

Uma cartografia de afetos é tecida a partir do circuito territorial de performances das turmas de fantasia que conquistam seu brilho estético em breves momentos que valem todo o esforço de um ano inteiro de intensa dedicação, trabalho e inventividade de seus componentes.

O papel da festa na construção de espacialidades urbanas no carnaval fluminense

As festas são um fenômeno que influenciam fortemente o espaço geográfico. Ocorrem em todo mundo e em todas as sociedades, sendo populares já na Antiguidade. A partir da década de 1990, a festa passa a ser considerada como um objeto de estudo na geografia, sobretudo por sua “geograficidade”, mediante a organizações espaciais específicas (CLAVAL, 2007; DI MÉO. 2001).

Para o geógrafo Paul Claval, em sua obra “A Geografia Cultural” (2007), a festa é considerada uma marca que fornece marcações espaço-temporais da vida coletiva (familiar, religiosa ou cívica), com forte sentido de pertencimento ao coletivo. Inclusive, para Claval (2007, p; 133) “a máscara e o disfarce permitem a cada um ser um outro, falar e se comportar livremente”. Se refere a festa como uma catarse – em referência à Aristóteles, pois [para o teatro grego] “as grandes representações dramáticas permitiam aos espectadores viver por procuração situações extremas às quais não tinham acesso no

decorrer normal de sua existência e se liberar assim de sua agressividade” (2007, p. 133).

Claval também afirma que “cada um é, por sua vez, ator e espectador e vive um momento de intensa emoção, de comunhão e de evasão” e define que o papel importante desempenhado pelas festas “em certas civilizações justifica organizações espaciais específicas, às vezes grandiosas: vastas avenidas para acolher as procissões, praças monumentais, construções gigantes capazes de reunir sob a mesma muralha celebrantes e espectadores” (2007, p.133).

Nesse sentido, Guy Di Méo, em sua obra “La géographie em fêtes” (2001), sugere uma leitura do papel social da festa que, para além da relevância de sua função política incorporada de sua expressão ideológica (principalmente cultural, sagrada e cosmológica) é fundamental incluir, também, o papel no valor socioeconômico.

É possível afirmar que a festa das turmas de fantasia são fenômenos socioculturais com uma significativa inscrição na produção de uma atuação marcada no território. São vivências por meio das quais os grupos sociais se identificam, se reconhecem e se afirmam como sujeitos de *afetos de pertencimento* em seus territórios de morada.

São por demais complexos os desafios assumidos por esses brincantes para a realização de suas festas como produção de memória social e de imaginários na metrópole. Ou seja, a festa das turmas de fantasia desvelam a forma como grupos populares redesenham suas tradições culturais em conflitos negociados com ícones e práticas dominantes do mercado produção e consumo de bens simbólicos de massa, sobretudo em relação ao carnaval, com o intuito de manter vivo seu patrimônio (histórico, cultural e territorial).

Em “Carne e Pedra”, Sennet (1996) desvela o modo relacional de vivências entre as pessoas e seus próprios corpos em distintas espacialidades da cidade, indicando como a forma dos espaços urbanos deriva e produz um conjunto de vivências corpóreas ímpares. Com isso, é possível afirmar que a festa é uma manifestação cultural que é decisiva para a construção de tais vivências, pois exprime as marcações simbólicas e materiais do modo de ser e estar na vida de um grupo, de uma comunidade ou de uma sociedade (FORQUIN, 1993).

Tais marcações dos modos de cultura se revelam nas vivências corpóreas no cotidiano e nos instantes de fissuras e rupturas trazidas pelo ato de festejar. Portanto, na perspectiva aludida, é possível inserir a festa das turmas de fantasia, um carnaval periférico tradicionalmente alegrado por sujeitos sociais que superam o seu anonimato e invisibilidade em suas vivências corpóreas através da máscara e da fantasia, trazendo para o debate crítico as suas performances como anseios de encontro, liberdade, descoberta e deslumbramento na cidade.

Contudo, recorrendo à leitura do geógrafo Nelson da Nóbrega Fernandes, em sua obra “Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados” (2001, p.3) “fazer festa é uma atividade disputada em toda a sociedade (...) é coisa de quem tem muito a fazer, daqueles que desejam controlar ou pelo menos influenciar na promoção de identidade de um grupo social”. Nesse sentido, a festa das turmas de fantasia nos faz refletir sobre a disputa de imaginário social colocado por sujeitos periféricos em seus repertórios estéticos e modos de invenção de suas espacialidades de pertencimento.

Hoje em dia, os territórios periféricos abrigam problemas que as regiões centrais, regularmente, não incorporam. Embora os estereótipos de violência e marginalização estejam constantemente associados à sua imagem, as periferias são lugares inventivos, cenário de criações e experimentações culturais, que incitam a restauração de laços de sociabilidade e o aumento da autoestima proporcionadas pela miscelânea construtiva (SIMONE, 2004) que provém das dinâmicas de experimentação nesses espaços. É nítida uma certa ambiguidade, onde há uma centralização e uma descentralização simultânea, pois o centro está saturado e dissipado, o que acaba favorecendo o fomento de novas centralidades em periferias urbanas a partir da festa das turmas de fantasia.

Desse modo, a festa passa a ter um papel fundamental na construção de espacialidades urbanas em territórios periféricos a partir dos sujeitos brincantes do carnaval das turmas de fantasia, redesenhando a cidade, reinventando os modos de ser e estar no mundo e respondendo as imprevisibilidades/precariedades de seus territórios. Nessa perspectiva, Simone (2008) afirma que a principal infraestrutura e o principal elemento de construção é o corpo e, sendo assim, é o corpo que desenha a cidade.

Apontamentos finais

O presente texto teve o intuito de propor uma reflexão sobre o papel da festa na construção de espacialidades urbanas em territórios populares fluminenses a partir da análise do carnaval das turmas de fantasia, ou seja, os famosos foliões brincantes conhecidos como bate-bolas e originalidades. A análise aqui proposta buscou explicitar as dinâmicas que envolvem os modos de produção desta festa e a sua importância no advento de novas centralidades urbanas no que tange ao carnaval mundialmente famoso do Rio de Janeiro.

Lefêbvre (2000) destacava que criação estética teria a poder de reencantar a cidade, fazendo dela uma obra coletiva e uma em suas diferenças, para inventar uma relação orgânica entre o coletivo e o indivíduo, entre a estética e o espaço, em suma, traduzindo a conquista de uma vida urbana renovada e transformadora da sociedade. A escolha de pesquisar a festa das turmas de fantasia e seu papel na construção de espacialidades urbanas também implica a escolha de colocar em debate o Direito à Cidade, tendo como referência a periferia e seus sujeitos em potências socioculturais como atos políticos.

É possível concluir que as festas são significativas práticas socioespaciais que contribuem para a construção de sociabilidades em periferias urbanas. Desde o período colonial, as festas se destacam na cultura brasileira como um elemento importante na construção de sociabilidades. Portanto, conforme visto no presente artigo, é possível concluir que as festas das turmas de fantasia promovem um espaço-tempo marcado pelo encontro de sujeitos celebrantes, que usam a rua como palco para inventar novas formas de ser e estar no mundo e reproduzir seus enredos de vida.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. L.; SILVA, M. B. A festa das turmas de fantasia como patrimônio territorial. Caderno Virtual de Turismo, v. 20, n. 3, 2020.
- _____; SILVA, M. B. Culturas de Periferia 2. Observatório de Favelas, 2018.
- BERDOULAY, Vicent. Sujeto y acción en la geografía cultural: el cambio sin concluir. Boletín de la A. G. E., Madrid, n. 34, p. 51-61, 2002.
- CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, no 1, 1995.

- CLAVAL, Paul. *A Geografia cultural*. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- DI MÉO, Guy. *La géographie en fêtes*. Editions Ophrys, 2001.
- FALCÃO, Bruno. *Bate-bolas contemporâneos: o carnaval secreto do Rio de Janeiro*. Falcão Editora, 2016.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escola de Samba: sujeito celebrantes e objetos celebrados*. Coleção Memória da Cidade, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- FORQUIN, J. Claude. *Escola e Cultura: a sociologia do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GERMANO, Iris. "O Carnaval No Brasil: Da Origem Europeia à Festa Nacional." *Caravelle* (1988-), no. 73, 1999, pp. 131–145. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/40854710. Accessed 7 Apr. 2021.
- HALL. S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.
- LEFÈBVRE, H. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro Editora, (1968) 2000
- PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. *Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro*.
_____. *Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Uerj, 2008.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Editora Record, 2006.
- SILVA, M. B. *Política Cultural Situada: uma leitura crítica de programas culturais em São Paulo e Rio de Janeiro*. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SIMONE, AbdouMaliq. *For the city yet to come: Changing African life in four cities*. Duke University Press, 2004.
_____. *People as Infrastructure*. In: *Johannesburg*. Duke University Press, 2008.